

História, fotografias e paisagem: o impacto da chegada do “moderno” em comunidades faxinalenses de Rebouças – PR (1960–2017)

History, photographs and landscape: the impact of the arrival of “modern” in communities faxinalenses of Rebouças - PR (1960 – 2017)

Sonia Vanessa Langaro*

Resumo: O presente texto científico configura-se como resultado de uma dissertação de mestrado que buscou realizar a identificação de elementos que apresentaram mudanças ao longo do tempo (a partir da segunda metade do século XX ao ano de 2017) nas paisagens e práticas cotidianas correspondentes a comunidades tradicionais denominadas como “faxinais”, localizadas no município de Rebouças-PR. Os encaminhamentos metodológicos basearam-se na leitura de textos científicos e na utilização de fotografias do passado e do presente como fonte principal para a escrita e a apresentação dos resultados. Nesse sentido, foi possível traçar um panorama das transformações ocorridas nos faxinais pesquisados, além da realização de apontamentos sobre a importância da elaboração de políticas públicas eficazes para esse cenário. Através desta pesquisa, foi possível, também, identificar como a mecanização agrícola e a inserção de novos cultivos voltados ao comércio ocasionaram transformações nos faxinais em questão, levando-os a processos de desestruturação que podem causar sua desagregação.

Palavras-Chave: Faxinais. Paisagem. Fotografias

Abstract: This paper is a result of a master’s thesis, which sought to identify elements that presented changes over time (from the second half of the century to the year 2017), in everyday landscapes and practices corresponding to traditional communities known as *faxinais*, located in the municipality of Rebouças-PR. Referrals. Were based on the reading of scientific texts and the use of photographs of the past and he present as the main source for writing and results presentation. In this sense, it was possible to of the transformations occurred in the *faxinais* surveyed, in addition to the notes on the importance of developing effective public policies for this scenario. Through this research, it was also possible to identify agricultural mechanization and the insertion of new crops for trade changes in the *faxinals* in question, leading which may lead to their disintegration.

Keywords: Faxinais. Landscape. Photos.

Recebido em: 23/07/2017. Aceito em: 24/01/2018

* Mestre e graduada em História para Universidade Estadual do Centro Oeste – PR. e-mail: soniavanessalangaro@gmail.com .

Introdução

Na região centro-sul do estado do Paraná - Brasil, em meio a propriedades rurais mecanizadas e voltadas à produção de *commodities* para exportação – como a soja –, encontram-se formas de ocupação, uso dos recursos naturais e de organização social, conhecidas como “faxinais”, as quais vêm sendo cada dia mais ameaçadas e isoladas nesse contexto de monoculturas estruturadas no uso de máquinas, fertilizantes, agrotóxicos e sementes de grandes indústrias, muitas vezes, transgênicas.

Os faxinais se caracterizam pelo uso comum da terra para criação de animais, o que é denominado como criadouro comum sendo “o espaço onde a comunidade faxinalense habita e cria seus animais [...] neste espaço o uso da terra é coletivo, mas a propriedade sobre a terra continua sendo privada” (SAHR e CUNHA, 2005, p. 95). Nestas áreas são criados animais de pequeno e grande porte, como cavalos e porcos. Para tanto, reservam um espaço dentro de seu território que é cercado, no qual os faxinalenses erguem suas casas para que os animais criados à solta não invadam suas moradias.

Mesmo aqueles que não possuem a propriedade da terra podem utilizar o criadouro comum para obter parte de sua alimentação; isso mediante autorização dos demais membros da comunidade e o compromisso de colaborar com a manutenção das cercas e prestar serviços aos vizinhos, quando solicitado. Ocorre, na prática, uma troca, na qual todos se beneficiam. A floresta fornece abrigo e alimento para os animais e é utilizada pelos moradores para extrair erva-mate, frutos e lenha para uso pessoal e pequeno comércio. Sem a mata, criadouro e áreas de cultivo de alimentos tradicionais, o faxinal não tem como existir e reproduzir sua organização social e econômica. A floresta, nesse caso, foi preservada por questões culturais que escapam à lógica da exploração capitalista. Nos faxinais esses recursos são utilizados, mas a partir de um manejo que visa preservar as espécies nativas existentes, como a erva mate e araucária, por exemplo.

Para Nerone (2015), as chamadas “terras de plantar” abrigam as lavouras de subsistência com o plantio de hortaliças, milho, feijão, mandioca que também podem ter destino comercial a

partir de pequenos excedentes. Uma cultura que vem ganhando espaço nas terras de plantar com fins eminentemente comerciais é a soja, devido à rentabilidade econômica, mas que é dissociada das raízes culturais dessas comunidades.

Entretanto, em décadas recentes, são verificadas mudanças nessas características, motivadas por fatores diversos, externos e internos. Dentre eles, está o avanço da agricultura comercial mecanizada, assim como aponta Zubacz (2007), aumentando a produtividade e facilitando a vida dos agricultores, ao menos do ponto de vista do tempo gasto no preparo da terra, plantio e colheita. Contudo, essa facilidade tem um preço, por vezes, demasiado alto. Ao recorrer a financiamentos para comprar máquinas e custear lavouras comerciais, muitos desses pequenos agricultores tradicionais acabam se endividando e sem meios de saldar as dívidas, perdem muito mais do que ganham.

Além disso, essa modernização da vida no faxinal produz impactos ambientais e altera o modo de vida tradicional dos faxinalenses. Sendo assim, a partir da utilização de fotografias antigas e recentes, aliadas às suas narrativas, podem-se apontar transformações na paisagem dos faxinais do centro-sul do Paraná que acarretam modificações não só nos seus aspectos físicos, mas, principalmente, sociais e culturais.

Esse foi o panorama observado ao percorrer faxinais no município de Rebouças/PR durante a pesquisa. As comunidades tomadas como recorte neste trabalho são: Faxinal do Salto e Faxinal Barreirinho dos Beltrão, onde pode ser observada a luta para manutenção de suas características tradicionais e de seu modo de vida, isso em meio às pressões dos latifundiários vizinhos que procuram comprar terras dos faxinalenses para expandir suas lavouras comerciais, sufocando essa organização social. É visível que parte dos faxinalenses dessas comunidades acaba influenciada pelos fazendeiros de soja e, aos poucos, cerca todas as terras de sua propriedade visando individualizá-la, diminuindo a área do criadouro comum e se afastando do espírito comunitário que geralmente identifica os faxinais.

Metodologia

No decorrer desta pesquisa, durante o período correspondente aos anos de 2015 a 2017,

foram realizadas doze visitas até os dois faxinais selecionados, onde foram coletadas fotografias antigas e recentes¹. Diante desse *corpus* documental, as imagens foram associadas às observações realizadas em saída de campo, juntamente a relatos dos moradores.

Já em relação às fotografias, foram coletadas aproximadamente cento e trinta imagens, as quais, após classificação de representatividade para o tema desta pesquisa, foram interpretadas e tiveram seus conteúdos descritos ao longo do texto. É importante ressaltar que as imagens utilizadas nesta investigação são tomadas como fontes históricas e não como ilustração.

É importante aqui ressaltar que os métodos utilizados para esta investigação correspondem à análise documental (principalmente a fotografia) e à pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti (1991, p.89):

Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição relativa. No desenvolvimento da pesquisa, os dados colhidos em diversas etapas são constantemente analisados e avaliados. Os aspectos particulares novos descobertos no processo de análise são investigadas para orientar uma ação que modifique as condições e as circunstâncias indesejadas.

Neste sentido, o pesquisador participa, interpreta e compreende o assunto em questão, promovendo um levantamento de causas e apontamentos de soluções para as citadas condições insatisfatórias (a falta de conhecimento científico, sólido e sistematizado a respeito do modo de vida, ou seja, da cultura faxinalense, por exemplo). Ainda, dentro da análise qualitativa, foi realizada a observação direta e participante, visando coletar e registrar aspectos pertencentes ao espaço investigado, em que o pesquisador possui a oportunidade de contextualizar as ações dos atores. Esse sistema de observação é aplicado nos faxinais visitados, de forma a identificar os componentes de sua paisagem, território e práticas cotidianas realizadas nesse meio.

Como materiais de apoio para a presente investigação foram utilizados textos e artigos científicos, informações obtidas em *sites* governamentais e busca de informações com funcionários representantes de órgãos públicos, como do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), por exemplo.

Desenvolvimento

Faxinais e o uso de fotografias para a interpretação da paisagem

No território brasileiro existem diferentes formas de uso comum de terras e bens naturais pertencentes à categoria dos chamados “povos tradicionais”. Para Campos (2000), essas áreas de uso comum e tudo o que delas é extraído, constituem um importante aparato para amenizar a falta de recursos e acesso ao uso da terra, principalmente para as camadas mais pobres da sociedade, sendo assim um componente de subsistência e sobrevivência econômica. Em meio a esse contexto de ênfase ao uso comum de terras, estão presentes os faxinais na região Centro-sul do Paraná. Segundo Schörner e Campigoto (2011, p. 58):

Chamamos de Sistema de Faxinal um modo de utilização das terras em comum, existente na região Sul do Brasil, para a criação de animais e que se tem classificado como manifestação cultural pertencente à categoria dos povos tradicionais brasileiros: forma própria de uso e posse da terra, o aproveitamento ecológico dos recursos naturais - pinhão, guabirobas, araçás, pitangas, jabuticabas -, o cultivo da vida comunitária e a preservação de memória comum. Os estudiosos do assunto apontam que o sistema faxinal constitui-se como um acontecimento singular por causa de sua forma organizacional. Distingui-se tal sistema dos outros pelo uso coletivo da terra para a criação de animais. O caráter coletivo se expressa na forma de criadouro comum.

O sistema de faxinais, em sentido geral, corresponde a uma forma de organização camponesa, tradicional, com agricultura familiar, tendo como principais características o uso coletivo de certas áreas – como o criadouro comum e as florestas nativas. Outra característica é a forma de convivência e de ajuda mútua estranha à lógica capitalista, sendo isso afirmado por vários

¹ Fotografias recentes produzidas pela própria pesquisadora.

pesquisadores da área, como, por exemplo, Chang (1988). Nesse sentido é destacável que:

[...] no Sistema Faxinal há uma coletivização do uso das terras de criação. Este espírito de coletivização é antagônico à racionalidade da produção capitalista, onde o privado é tido com pressuposto inviolável e inquestionável. É devido a este antagonismo que o avanço das forças capitalistas no campo tem significado um constante deslocamento do espaço produtivo ocupado pelos faxinais. (CHANG, 1988, p.107)

Essas formas de organização peculiares estão em contraste com as propriedades rurais mecanizadas e voltadas à produção de monoculturas para exportação, apresentando-se como um sistema distinto do capitalismo, baseada em preservação ambiental e organização social coletiva, assim como também é destacado por Souza (2009).

Segundo Zubacz (2007), além de características físicas, os faxinais possuem diversas práticas culturais, sociais e religiosas que fazem parte do cotidiano dos faxinalenses; porém, essa forma de organização está ameaçada, principalmente devido a modificações resultantes da inserção do capitalismo no campo. Nesse contexto destaca-se que:

[...] o sistema entrou em choque com os interesses da própria modernização agrícola ocorrida no Estado e no País a partir da década de 1970, como efeito do 'milagre econômico'. No caso do Paraná e mais especificamente da Região Centro-sul, o que ocorreu foi um grande interesse capitalista no plantio da soja, que necessitava de imensas áreas de terra desmatada, e a infiltração dos equipamentos e insumos químicos utilizados pelas multinacionais do ramo. Neste mesmo período chega à região um número expressivo de migrantes gaúchos, atraídos pelo baixo preço da terra, com o intuito de plantar soja. Isso provocou um efeito catastrófico sobre o Sistema Faxinal. (ZUBACZ, 2007, p.16)

A nova forma de organizar os cercados e de controlar a circulação dos animais provocou uma série de modificações na economia e na cultura dos faxinalenses, alterando vários aspectos da antiga forma de vida local. Tais modificações podem ser percebidas numa escala

macro, em termos dos indicadores de produção agrícola da região, mas, também, ao nível micro, através de depoimentos e por meio de imagens que retratam a paisagem faxinalense. Assim, as fontes fotográficas tornam-se importantes aliadas para as pesquisas nos faxinais, pois, por meio delas, é possível contextualizar as transformações sociais, culturais e geográficas, resgatando a memória faxinalense, e mapeando mudanças e permanências.

Com a observação de diversas mudanças nessas comunidades tradicionais, pode-se perceber que tais transformações poderiam ser identificadas através da utilização de fotografias como fonte histórica. Dessa forma, foram utilizadas nesta pesquisa, tanto fotografias produzidas pelos moradores das comunidades, como, também, as produzidas pela própria pesquisadora.

Nesse contexto, destaca-se que as fotografias produzidas durante esta pesquisa podem ser classificadas em dois tipos. Segundo Guran (2000, p.155): “[...] compreendem dois momentos e cumprem duas finalidades distintas: a) a fotografia feita com o objetivo de se obter informações, b) a fotografia feita para demonstrar ou enunciar conclusões”. Sendo assim, para o autor citado, cada tipo de fotografia deve ser analisada levando em consideração a sua especificidade, além do contexto de sua produção. Quando um material fotográfico é analisado é preciso estabelecer a distinção da imagem, que pode ser: *emique* (êmicas) ou *etique* (éticas).

No primeiro caso, quando ela foi produzida ou assumida pela comunidade estudada, encontra-se forçosamente impregnada pela representação que a comunidade ou seus membros fazem de si próprios e por consequência expressa de alguma maneira a identidade social do grupo em questão. Já a fotografia feita pelo pesquisador, de natureza *etique*, é sempre uma hipótese a se confirmar a partir do conjunto de dados recolhidos ou por meio de outros procedimentos de pesquisa. (GURAN, 2000, p. 155, grifo original).

Para o autor, tanto as fotografias de origem *etique* ou *emique* podem ser utilizadas como instrumento de pesquisa. O próprio pesquisador pode produzir seu material fotográfico com o intuito de avançar em suas reflexões científicas (GURAN, 2000). Guran (2000) também destaca

as fotografias produzidas “para descobrir”, que correspondem aos momentos de observação participante do pesquisador, momento em que se inicia a formulação das primeiras questões. É nesse ponto que começam a se configurar a impregnação de sentidos com muito mais perguntas do que respostas. Essas fotografias podem, ainda, com o decorrer da pesquisa, adquirir um sentido cada vez mais rico na medida em que o pesquisador avança na interpretação da realidade estudada. Existem, também, as fotografias “para contar”; essas correspondem ao momento em que o pesquisador compreende e domina o seu objeto de estudo. Sobre esse tipo de fotografia destaca-se que:

A fotografia feita para contar é aquela que visa especificamente integrar o discurso, apresentar as conclusões da pesquisa, somando-se às demais imagens do corpus fotográfico e funcionando sobretudo na descrição e na interpretação dos fenômenos estudados [...]. Nada impede, porém, que fotografias feitas na primeira fase da pesquisa – a de descobrir – passem por uma releitura e venham a integrar o discurso final nesta categoria. Para que a utilização da fotografia seja eficaz na apresentação das conclusões da pesquisa, é necessário que haja uma articulação entre as duas linguagens, a escrita e a visual, de modo que uma complete e enriqueça outra. (GURAN, 2000, p.161-162)

Nesse sentido, o autor quer enaltecer a prática de uma fusão entre dois discursos distintos que somente funcionam juntos caso estejam dialogando entre si. Para que a leitura seja facilitada, as fotografias devem ser organizadas de modo a possuírem um sentido em relação ao texto. A apresentação intercalada entre texto e fotografias forma um todo, podendo as imagens apresentar-se como evidência, ou como ponto de partida para uma reflexão. No caso desta pesquisa, destaca-se a fotografia como ponto de partida de discussões, como fonte histórica utilizada para a escrita da história que abarca as transformações dos faxinais estudados. Sendo assim,

Podemos considerar que a utilização da fotografia pelas ciências sociais – seja como fonte de dados, instrumento auxiliar para pesquisa ou mais um elemento do discurso final – coloca, como questões maiores a serem estu-

dadas: 1) a constituição de um corpus fotográfico; 2) a produção da fotografia no curso da pesquisa; 3) a leitura da fotografia; e 4) a articulação entre texto e foto visando à construção de um discurso científico. (GURAN, 2012, p.64)

Ressalta-se a partir do seguimento das etapas citadas anteriormente, um desenrolar da história dos faxinais pautado no desenvolvimento do discurso científico, mostrando-se a fotografia como uma eficaz e destacável fonte na produção historiográfica. No âmbito desta pesquisa, as fotografias foram utilizadas para a realização de uma interpretação histórica, e não como um artefato somente de ilustração. Através dessas fontes, buscou-se apresentar as transformações, rupturas e permanências que ocorreram em comunidades faxinalenses localizadas no município de Rebouças-PR a partir da segunda metade do século XX.

Nesse contexto também é importante salientar que a interpretação da paisagem através das fotografias é um elemento primordial para a escrita da história desses faxinais. A paisagem foi analisada a partir da perspectiva da interpretação fotográfica, pela qual foi possível realizar um levantamento de diversos aspectos a respeito das mudanças em territórios faxinalenses no estado do Paraná, sendo a paisagem um importante indicativo a respeito das transformações causadas por sujeitos históricos.

Segundo Mendonça (2009), as paisagens paranaenses precisam ser reveladas e reinterpretadas para que novos sentidos sejam atribuídos diante de diversos cenários em transformação, além da necessidade do conhecimento a respeito de diferentes paisagens existentes no estado. Quando se fala em “paisagem”, primeiramente é realizada uma assimilação com uma paisagem natural do Paraná, porém, é necessário atentar a algo que Mendonça (2009, p. 9) destaca:

Falamos daquela paisagem derivada da apropriação e da transformação da natureza pelas sociedades humanas e que, no âmbito do estado, possui particularidades na sua dinâmica na sua história e, portanto, na sua constituição. Falamos de uma paisagem híbrida, produto da natureza em interação com as atividades humanas.

O referido autor descreve que a produção do espaço tem criado diferentes paisagens no Paraná, onde nos últimos séculos houve uma intensa interação de diferentes sociedades, tradicionais e modernas, em diversos territórios do estado. Dessa forma, resgatar a essência dessas paisagens e seus variados significados é de grande valia para a constituição de um registro histórico e geográfico, em que a paisagem cultural é focada como centro de interpretação. É necessário considerar que a natureza é marcada pelas atividades humanas, pelos sujeitos históricos que empregaram seus valores e costumes.

Em meio a essa discussão, destacam-se, também, os escritos de Fáfero (2014, p.04):

As paisagens são moldadas pelas inter-relações dos componentes biofísicos da natureza com as ações humanas. O mosaico de paisagens encontrado em todas as regiões brasileiras é a expressão da diversidade de ambientes naturais associada à sociodiversidade historicamente presente em cada território que as constitui. Desde os primórdios da ocupação, os povos originários foram se estabelecendo nos diferentes ambientes, interagindo com o meio e conformando as paisagens.

A partir dessas afirmações, pode-se perceber que é inegável a relação existente entre os elementos naturais e humanos, os quais carregam consigo as “marcas” da história. Essas marcas históricas nos permitem desenrolar, pesquisar, indiciar e descobrir as transformações, rupturas e permanências a respeito de territórios e demais espaços, como nesse caso, sobre os territórios faxinalenses.

Floriani (2011) também descreve que, diante da crise socioambiental registrada a partir do final do século XX, pode-se perceber que essa anormalidade não corresponde apenas ao esgotamento de recursos naturais, mas dos sistemas de organização que vivem de forma oposta ao projeto modernizador pautado no uso exploratório do meio ambiente. Nesse contexto, emergem ocorrências de resistência a esse projeto, como é o caso de agricultores agroecológicos que vivem na busca e luta constante em prol de mecanismos alternativos aos processos de produção capitalistas dominantes.

Com essas ocorrências, torna-se necessário a realização de uma nova leitura sobre o

sentido de práticas produtivas e paisagem, sendo destacado por Floriani (2011, p.28) que:

[...] esta nova visão, a paisagem não é apenas um conjunto de elementos físicos dissociados das maneiras de se ver (subjetividade) e de fazer (práticas), como pretende o modelo hegemônico produtivo e todo o arsenal científico que acompanha e reforça essa visão [...].

Segundo Floriani (2011), esse modelo hegemônico pautado na aplicação de tecnologias para a produção agrícola (sementes geneticamente modificadas, insumos químicos e sintéticos, entre outros) possui um concorrente chamado de “sistema vernacular”, ou, “sistemas agroecológicos” e “sistemas de produção tradicionais” que influenciam nas paisagens e na terra de forma muito menos impactante e de maneira mais sustentável do que o modelo proposto pelo agronegócio. O sistema vernacular de produção tende a estabelecer uma interação maior do homem como meio através da combinação entre racionalidade e subjetividade, ou seja, suas relações com o meio são frutos de sua própria história de vida que lhes proporcionam experiências a respeito dos ecossistemas locais, além de seus limites e potencialidades.

Assim, o autor citado anteriormente destaca que podemos dizer que a paisagem percebida pelos povos tradicionais, por exemplo, é representada como extensão de suas vidas, tanto na escala temporal, como espacial, sendo algo que tende a configurar seus territórios. A paisagem, nesse contexto, passa a ser global e múltipla, em que o conjunto formado pelo território e pela paisagem ganha “rosto humano”. Floriani (2011, p.83) ainda destaca que:

A partir da análise da paisagem, o território rural possui ligação com as práticas nele registradas. Isto é, podemos utilizar a abordagem visual para descrever as práticas dos agricultores impressas na paisagem: trata-se de ler a paisagem para entender o sistema de práticas agrícolas, e vice-versa.

Dessa forma, a paisagem representada a partir das práticas agrícolas remete a uma nova forma de interpretar o campo, pois essa forma de análise da paisagem vivida e percebida por grupos sociais revela territórios representados por práticas que mostram uma identidade específica.

Nota-se, também, que o conceito de “paisagem” utilizado nessa pesquisa, considera a ação do homem como agente transformador dos cenários. A paisagem é interpretada a partir da perspectiva histórica, sendo tomada como um elemento transformado pela ação do homem ao longo do tempo, ou seja, é discutida no âmbito da temporalidade. Para Gandy (2004, p.77):

Os recentes desenvolvimentos da história do meio ambiente transformaram o estudo da paisagem. Da síntese regional passou-se para uma interpretação da paisagem como articulação de forças materiais diversas. [...] O estudo da história da transformação do meio ambiente apresenta evidentes similitudes com a *École des Annales*, em especial com os trabalhos de G. Duby e de F. Braudel, para quem as mudanças da paisagem são explicadas a partir da evolução dos alicerces econômicos da organização social.

As ações antrópicas passam a fazer parte do cenário da transformação das paisagens, e a dimensão física não é a única e exclusiva responsável pelos mais diversos cenários em mudança. Gandy (2004) considera que as paisagens são resultados das dinâmicas das relações sociais e sua interpretação deve partir das inter-relações entre a história da sociedade e da natureza.

Análise e discussão

Baseando-se nas discussões anteriores, é notável a grande importância da utilização de fotografias no âmbito de pesquisas acerca dos faxinais, sendo possível observar vários aspectos que apresentam modificações na paisagem, bem como, nas práticas faxinalenses em relação ao seu modo de vida. A seguir serão apresentadas sequências de imagens referentes ao Faxinal do Barreirinho dos Beltrão, e ao Faxinal do Salto para que a partir da interpretação de tais fontes possa-se apontar transformações ocorridas ao longo do tempo.

Imagem 01: Faxinal Barreirinho dos Beltrão início anos 2000



Fonte: fotografia do Faxinal Barreirinho dos Beltrão cedida por moradora da comunidade à autora.

A imagem acima demonstra a mecanização da agricultura no faxinal, substituindo o trabalho manual e com animais pelos tratores; além da utilização de agrotóxicos para produção de alimentos em larga escala, diminuindo aos poucos as práticas de plantio agroecológicas, sem utilização de venenos e baseadas em saberes transmitidos de geração para geração.

Através da interpretação da fotografia pode-se levantar uma parte da história do Faxinal do Barreirinho dos Beltrão, demonstrando como a mecanização da agricultura e a implantação da cultura do fumo agrediu o meio ambiente local e modificou as práticas agrícolas, nesse caso, principalmente, a partir da década de 1990. Mas, ao associar essas fotografias aos comentários da família concedente, nota-se que essa mecanização e mudanças das práticas representavam um sentimento de orgulho e progresso, aumento da renda da família, e conseqüentemente, melhores condições de vida. Por isso fotografar: para eles, esses “avanços” eram dignos de registro, significando um marco para a história da família. Pouco se pensava nas mudanças negativas que o “progresso” estaria ocasionando em relação às constituições físicas e culturais do faxinal.

Imagem 02: cerca faxinalense seguida de eucaliptos no Faxinal Barreirinho dos Beltrão



Fonte: Acervo particular de Sonia Vanessa Langaro.

A partir da imagem 02 podem-se levantar, novamente, as questões discutidas a partir da realidade existente nos limites do Faxinal Barreirinho dos Beltrão entre as “terras de criar” e as “terras de plantar”, fornecendo uma visão contraditória, pois após a cerca faxinalense, referente a uma área de preservação e criadouro comum, está a plantação de eucaliptos que futuramente terá a madeira utilizada como fonte de energia para o aquecimento das estufas de fumo para secagem das folhas. Mais ao fundo, pouco notável na imagem, mas confirmada em saída de campo, há uma plantação de soja, que, segundo moradores do local, avançaram às áreas faxinalenses acarretando um processo de encurralamento do sistema comunitário.

Essas mudanças não somente modificaram os aspectos físicos da comunidade, mas, também, as relações sociais. As práticas coletivas que faziam parte da vida no faxinal, hoje, compõe apenas a memória dos indivíduos. O trabalho que antes era realizado coletivamente não é mais possível devido ao prevaletimento do individualismo.

Atualmente, os moradores estão preocupados com a possível desagregação do faxinal, pois sua área territorial diminuiu muito nos últimos anos, principalmente pela venda de terrenos para o plantio de *commodities* para grandes latifundiários da região. Esses fazendeiros oferecem altas quantias pelas terras aos pequenos proprietários, fazendo-os vender suas posses, muitas vezes, pertencentes ao faxinal ou divisas, causando

encurrallamento e agravando as pressões para o desmantelamento da comunidade.

Outra indagação possível a partir das fotografias e das observações da paisagem é a questão de como manter o que restou do faxinal e quais seriam as atitudes que tendem a colaborar para a sua manutenção. É visível que a área do criadouro comum abarca muitas espécies de vegetação nativa, como a araucária e a erva-mate, sendo um aspecto que necessita de atenção para que seja preservado. Nesse sentido, os moradores colocam suas esperanças na ajuda do poder público local para que possam continuar com o sistema.

Pode-se afirmar que há muito a ser feito por parte dos órgãos públicos locais para o atendimento das necessidades dessa comunidade, sendo este quesito um ponto primordial para o acesso a recursos que incentivam a manutenção do faxinal, pois, como pode ser percebido, é inegável a existência de pressões externas que cada vez mais enfraquecem as práticas tradicionais.

Imagem 03: Faxinal do Salto em 2015



Fonte: Acervo particular de Sonia Vanessa Langaro

A imagem 03 refere-se ao Faxinal do Salto. É possível identificar a presença de animais e cercas típicas da paisagem faxinalense, os quais estão dividindo o espaço com plantações de pinus, destinadas ao comércio. Além do pinus, nota-se a presença do eucalipto, que, assim como no Barreirinho dos Beltrão, faz parte do processo da secagem de fumo das estufas implantadas na comunidade. Tal madeira comercial ou utilitária ocupa o espaço das antigas florestas nativas. Essa é uma paisagem que reflete as ações humanas ao longo do tempo, e que acarretam diversos

prejuízos diante da imposição de práticas que não pertencem aos costumes locais.

A paisagem faxinalense, atualmente, apresenta versões contraditórias: terras de criadouro comum e preservação ambiental junto a eucaliptos, pinus e extensas áreas destinadas à agricultura mecanizada; um cenário cada vez mais constante nos arredores do Faxinal do Salto.

Pode-se apontar que a agricultura e as demais práticas comerciais foram responsáveis por diversas mudanças nesse faxinal, tanto em seus aspectos físicos como socioculturais. Além da diminuição da área do criadouro comum e da floresta nativa, as práticas coletivas de troca de serviços, limpeza e manutenção dos elementos faxinalenses foram deixadas de lado.

De acordo com Deffontaines (2006 *apud* FLORIANI, 2011, p. 85),

[...] a produção da paisagem pelo agricultor é entendida como ato de suas práticas a partir das quais ele mobiliza as proporções, as escalas, os ritmos, as cores, as sombras e as luzes. Desse modo, o agricultor é também produtor de formas. E se o agricultor produz formas, há também uma linguagem visual da agricultura que resulta, mais que dos processos técnicos de produção, da maneira de o agricultor pensar sua atividade e a sua relação com o meio.

As palavras do autor citado sugerem a relação que as práticas agrícolas possuem com as novas paisagens faxinalenses. As “formas, cores, sombras e luzes” formam um imenso e complexo mosaico que produz e reproduz os processos históricos através de uma linguagem paisagística. Todas as suas técnicas e intenções acabam sendo marcadas nos ambientes e espaços que, infelizmente, apresentam cada vez mais o prevaletimento do individualismo e homogeneidade

Imagem 04: Faxinal do Salto 2015



Fonte: Acervo particular de Sonia Vanessa Langaro

Imagem 05: Faxinal do Salto 2016



Fonte: Acervo particular de Sonia Vanessa Langaro.

Analisando as imagens 04 e 05, pode-se perceber o cercamento de uma área de criadouro comum, protegida por lei e que não pode ser utilizada para o uso privado, mas sim, deve ser destinada ao uso coletivo para criação de animais. Na imagem 05 tem-se a mesma área fotografada com o tempo aproximado de um ano depois, que nos revela um espaço que está se tornando cada vez mais comum em comunidades tradicionais, em especial nos faxinais, sendo estes cercados também chamados de fechos, que neste caso acabou individualizando/privatizando recursos naturais (aguadas) em área de criadouro comum. Sabe-se que as áreas de criadouro comum estão cadastradas como ARESUR (Áreas Especiais de Uso Regulamentado) que visam a preservação ambiental, onde as mesmas estão protegidas

por lei, sendo proibido o cercamento ou degradação destas áreas, pois os animais precisam circular livremente por este espaço em busca de alimento e água. Porém, alguns moradores do Faxinal do Salto acabaram cercando parte do criadouro, com cercas de tela fechada, algo que impede a passagem de animais grandes e pequenos, interferindo na sua circulação e acesso aos recursos naturais. Nota-se que mesmo com existência das leis faxinalense, é preocupante o prevalecimento do individualismo, algo que caminha com princípio totalmente contrário ao praticado em território faxinalense, que é o uso comum dos recursos naturais.

A partir dessas breves discussões aqui apresentadas pode-se perceber que “os faxinais no Paraná” é um tema fecundo, principalmente quando analisados os processos de desestruturação e os mecanismos de resistência existentes no âmago dessas comunidades frente seus antagonistas.

Nesse sentido, é ativada a discussão a respeito dos processos de desestruturação que, posteriormente, resultam na desagregação dos faxinais, e conflitos que diversos faxinais do estado do Paraná enfrentaram e estão enfrentando em busca da manutenção de suas formas de vida, na luta contra a imposição do que é chamado de “moderno”, que nem sempre é aplicado de forma positiva no sistema faxinal. Neste contexto, Silva (2005, p.42) ressalta que:

A situação atual de desagregação a que estão sujeitos os sistemas faxinais, provocada principalmente pela superação da forma “tradicional” de produção por uma mais “moderna” e tecnificada, mais racional, dentro da lógica da acumulação capitalista. A característica principal dos Sistemas Faxinais, que é o uso coletivo do meio de produção terra, vai contra a ótica da racionalidade capitalista onde o privado é tido como pressuposto inviolável e inquestionável.

É importante salientar que a palavra “modernização” será utilizada constantemente nessa pesquisa para designar as transformações que ocorrem no âmago das comunidades faxinalenses, assim como, no meio rural paranaense e brasileiro, podendo ser identificado principalmente a partir dos anos de 1970. Nesse contexto, Hauresko (2013) destaca que, a partir da segunda

metade dos anos 1950, houve um forte estímulo à modernização agrícola iniciada pelos subsídios às máquinas utilizadas para os processos de plantio, sendo também ampliado à compra de fertilizantes e defensivos agrícolas a partir dos anos 1950. A respeito do conceito de modernização Fleischfresser (1988, p.11) descreve:

Assume a conotação explícita de modernização tecnológica, significando que as alterações na base técnica da produção agrícola ocorreram devido a adoção de meios de produção de origem industrial, produzidos fora das unidades produtivas rurais e, portanto, adquiridos através do mercado.

As áreas rurais brasileiras passam por uma chamada “industrialização da agricultura”, em que sua difusão transformou as formas de produção promovendo benefícios principalmente aos grandes latifundiários. Hauresko (2012) destaca que o sentido de produção no meio rural passa a visar a exportação e, conseqüentemente, tem seus custos elevados devido aos meios de produção de origem industrial.

Para complementar essa discussão Matos e Pessoa (2011, p.301) afirmam que:

O processo de modernização no espaço agrícola que possibilitou a “artificializar” a terra corresponde a um aumento no uso de capital fixo, pois há necessidade de grandes investimentos em extensões de terras, em maquinários e de capital circulante para investir nas exigências científicas e técnicas.

É notável como os pequenos produtores foram atingidos negativamente com essas mudanças, pois nem todos possuíam poder aquisitivo para adquirir equipamentos de alto valor depois que as formas de produção tradicionais e sustentáveis passam a ser excluídas. É neste sentido que se busca atentar os olhares para as comunidades faxinalenses, que, em meio a esse processo de introdução de tecnologias no campo, viram-se “encurraladas” por grandes plantações mecanizadas, tendo suas formas de produção e reprodução cultural ameaçadas por não corresponder ao ideal “moderno”.

Em meio a tantas transformações, alguns moradores buscam alternativas para aumentar a renda sem aderir ao plantio de fumo ou venda de suas posses para latifundiários. Uma

alternativa é oferecida pela Prefeitura Municipal de Rebouças em parceria com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que visa o cultivo de vários alimentos (como repolho, cebola, alface, cenoura, couve flor, brócolis) sem a utilização de agrotóxicos, ficando a prefeitura responsável pela compra dos alimentos, destinando-os, principalmente, às escolas. Mas, infelizmente, de acordo com estudos realizados no Faxinal do Salto, os moradores estão sofrendo com a falta de compromisso por parte dos órgãos públicos locais.

Além do PAA, os faxinais de Rebouças, assim como os demais existentes no Paraná, contam com o apoio de leis municipais, estaduais e federais que garantem os direitos e reconhecimento dessas comunidades. Além disso, os faxinais em questão contam com o apoio da Secretaria Municipal da Agricultura do município de Rebouças e o Instituto Ambiental do Paraná (IAP). O Faxinal do Salto e o faxinal Barreirinho dos Beltrão estão cadastrados como área regulamentada (ARESUR) e são beneficiados com o ICMS Ecológico (imposto destinado aos órgãos públicos municipais para investimentos em áreas protegidas por lei), tendo como órgão fiscalizador da aplicação sustentável deste recurso o IAP. Regularmente, um funcionário desse órgão realiza visitas nos faxinais para verificar a existência de conflitos, irregularidades e níveis de sustentabilidade. Esses dados são registrados para comprovar a aplicação dos recursos do ICMS ecológico através de resultados e melhorias para a comunidade.

Ao realizar uma análise ao longo da história é possível observar a gravidade dos problemas que o avanço das agriculturas comerciais ocasiona nos faxinais. Mas para que esse quadro seja, ao menos, freado, é necessário que haja a conscientização de toda a sociedade acerca da importância que possuem essas comunidades tradicionais em questões de sustentabilidade e práticas culturais peculiares. Algumas das alternativas são as próprias políticas públicas, desde que sejam aplicadas com compromisso, nas quais os moradores depositam grande parte de suas esperanças; além do importante trabalho realizado por pesquisadores para o levantamento de dados para que os faxinalenses saibam o que é necessário fazer para evitar as desagregações dos faxinais.

Considerações Finais

A partir do objetivo geral proposto que se refere na apresentação de elementos que passaram por modificação ao longo do tempo em comunidades faxinalenses, é perceptível diversas situações conflituosas que afrontam direitos e colocam em risco modos de vida tradicionais e que foram identificadas através da interpretação da paisagem e de fotografias. O principal ponto apresenta-se a partir da revelação de uma paisagem intensamente transformada pelo homem, que acaba por interferir tanto nos aspectos físicos, como nas relações socioculturais faxinalenses. Dessa forma, esses fatos acabam sendo associados à expansão da mecanização agrícola no campo, que infelizmente apresenta-se acompanhada de um discurso homogeneizador e individualista. Limpar (desmatar) para plantar, plantar para exportar, exportar para lucrar. Essas perspectivas pouco – ou nada – consideram a existência de diferentes territórios que possuem suas práticas específicas de trabalho com a terra e suas relações com a natureza.

Através das fotografias e depoimentos dos moradores faxinalenses, foi possível realizar uma análise das transformações que ocorreram nos dois faxinais. Analisando seu contexto foi possível evidenciar a importância das políticas públicas, ainda que insuficientes e falhas em diferentes momentos, em benefício desse sistema, buscando preservar as características das comunidades tradicionais. Enquanto muitos faxinais deixaram de existir como sistema, vários deles resistem apesar de problemas internos e externos, como o abandono das práticas comunitárias tradicionais por parte dos moradores e o avanço da agricultura comercial mecanizada com vistas ao mercado externo. Enquanto sistema de vida, produção e cultura, os faxinais apresentam características sustentáveis e amenizam problemas.

Os faxinais foram sempre detentores de matas nativas, essenciais para a criação dos animais. Essa característica, contudo, passa por transformações, uma vez que em muitos faxinais têm havido desmatamento, além da introdução de espécies exóticas como o eucalipto, consequência direta da cultura comercial do fumo, atividade anteriormente restrita a pequenas roças para consumo interno. Portanto, é necessário haver proteção, incentivos e fiscalização para que

essas reservas florestais nativas remanescentes sejam preservadas do desmatamento para fins agrícolas comerciais ou reflorestamento com espécies exóticas, monoculturas que afetam os ecossistemas e a biodiversidade regional.

O apoio governamental é importante e necessário para a preservação dos faxinais e de sua cultura. Contudo, a participação dos próprios faxinalenses nesse processo deve ser considerada, uma vez que são os atores e construtores de muitas lutas por seus direitos e a garantia da continuidade de seu modo de vida.

No Paraná atual são encontrados vários faxinais em estado de desagregação. Geralmente, não por vontade dos faxinalenses, mas por pressões externas representadas, principalmente, pela agricultura comercial para exportação, como é o caso da soja. Diante desse quadro de instabilidades e incertezas, as políticas públicas exercem papel relevante para a manutenção de um patrimônio cultural e ecológico paranaense.

Considerando que esses povos não possuem documentação escrita a fim de registrarem seus rastros, o uso de fotografias apresenta-se como um importante fio condutor na tessitura das questões aqui apresentadas. A utilização da fotografia como fonte e não como ilustração é uma prática que muito tem a colaborar não somente nas pesquisas com povos tradicionais, mas, também, em relação a vários temas e campos da ciência. São inúmeras as possibilidades que a interpretação fotográfica pode proporcionar, gerando a possibilidade de perspectivas diversas, tais como: o trabalho das mulheres ao longo do tempo, as práticas religiosas, os trabalhos comunitários e muitos outros demais que surjam e que podem promover maior visibilidade para essas comunidades historicamente marginalizadas.

Referências

CAMPOS, Nazareno José de. **As diferentes formas de uso comum da terra no Brasil**. Santa Catarina, 2000. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/04.pdf>> Acesso em 04 de nov. de 2016.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Londrina: Fundação Instituto

Agrônomo do Paraná/Boletim Técnico 22 do IAPAR, março de 1988.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FAVERO, Claudenir. Paisagens camponesas em transformação. **Agriculturas**, v. 11, n.3, outubro de 2014. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/12/Agriculturas_V11N3_EditorConvocado.pdf> Acesso em 03 de maio de 2017.

FLEISCHFRESSER, Vanessa. **Modernização Tecnológica da Agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70**. Curitiba: Livraria do Chain, 1988.

FLORIANI, Nicolas. **Saberes e práticas de territórios agroecológicos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

GANDY, Mathew. Paisagem, estéticas e ideologia. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio Janeiro: Editora UERJ, 2004.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.

GURAN, Milton. **Documentação fotográfica e pesquisa científica notas e reflexões**. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf> Acesso em 30 de janeiro de 2017.

HAURESKO, Cecília. **Lugares e tradições: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros**. Guarapuava: Unicentro, 2012.

MATOS, Patrícia Francisca; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ - Ano 13, nº. 22, v. 2, 2º semestre de 2011 p. 290-322**. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>> Acesso em 15 de outubro de 2016.

MENDONÇA, Francisco. Prefácio. In: SAHR, Cecilian. (Org.). **A paisagem como patrimônio cultural: Campos Gerais e Matas de Araucária do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. P. 7-10.

NERONE, Maria Magdalena. **Sistema Faxinal: terras de plantar, terras de criar**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

SCHÖRNER, Ancelmo; CAMPIGOTO, José Adilçon. Migrantes no faxinal e migrações de faxinalenses: territórios e povos tradicionais. **Revista Esboços, Florianópolis**, v. 18, n. 25, p.

53-72, ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/viewFile/2175-7976.2011v18n25p53/21532>> Acesso em: 20/10/2016

SAHR, Cícilian Luiza Löwen; CUNHA, Luiz Alexandre G. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, Vol. 5, No 1 (2005).

SILVA, Márcio. **A Contribuição de Florestas de Araucárias para a Sustentabilidade do Sistemas Faxinais**. Curitiba, 2005. 122 f. Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Roberto Martins de. **Mapeamento social dos faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009.

ZUBASZ, Maria de Lurdes Rasinski. **Faxinais em Ivaí**: de uma organização camponesa comunitária às origens da periferia. Curitiba SEED, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/482-4.pdf>> Acesso em 10/10/2016.